



Vozes dissonantes no setor religioso em relação à homossexualidade

Bianca de Azevedo Lima*
Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro**

RESUMO

Esta pesquisa foi baseada na minha dissertação de mestrado, foram investigadas as controvérsias relacionadas às questões religiosas suscitadas no debate da união estável e casamento entre pessoas do mesmo sexo no Brasil. Como abordagem teórico-metodológica, privilegamos o referencial da Teoria Ator-Rede e da Cartografia das Controvérsias (LATOUR, 2000, 2005). Ao contrário do que possa parecer, o setor religioso não é homogêneo no que se refere ao “combate” da homossexualidade, apesar de a maioria das igrejas cristãs tradicionais não aceitar manifestações explícitas da homossexualidade. Estima-se que há cerca de 40 igrejas cristãs no Brasil com proposta inclusiva para a população LGBT. O teólogo e historiador Márcio Retamero (2009) sugere que a Igreja Católica esqueceu seu passado de opressão e de perseguida, passou a ser perseguidora. É necessário lembrar este passado de luta contra o preconceito para que possam se posicionar a favor dos excluídos atualmente. Logo, podemos perceber que o início de um movimento minoritário dentro deste grupo que ainda não obteve grande visibilidade. Entretanto, outra realidade é possível, é construída cotidianamente e depende das articulações feitas nas redes. A rede que se articula a favor de direitos para a população LGBT está vinculada a outras redes onde são disputados avanços e retrocessos relacionados aos direitos sexuais. Como diz Brunos Latour (2012, p.101), nenhuma coalização é sólida o suficiente para não ser engolfada por outra ainda maior. Desta maneira, é necessária uma mobilização incessante por parte dos atores favoráveis aos direitos para a população LGBT.

Palavras-chave: Religião. Homossexualidade. Gênero.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo é baseado na minha dissertação de mestrado sobre as controvérsias relacionadas à união estável e casamento entre pessoas do mesmo sexo no Brasil¹. Frequentemente, os representantes de diversas religiões,

*Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituição financiadora CAPES. E-mail: biancalima18@yahoo.com.br

**Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: rosapedro@globo.com.br

¹ Título da dissertação: Controvérsias relacionadas à união estável e casamento entre pessoas do mesmo sexo. Autoria: Bianca de Azevedo Lima. Orientadora: Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro.



geralmente cristãs, são vistos somente como opositores da garantia de diversos direitos para a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros (LGBT).

O objetivo deste artigo é dar visibilidade aos grupos religiosos que respeitam e buscam incluir os LGBTs nas suas práticas religiosas assim como lutam pelo direito desta população de exercer uma religião, inclusive cristã.

2. Referencial teórico-metodológico

“Os métodos de pesquisa são sempre políticos o que levanta a questão de qual tipo de realidade social queremos criar.”

John Law, 2004.

Esta pesquisa dialoga com a proposta da área de estudo da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), principalmente com a Teoria Ator-Rede (TAR). O Latour (2008, apud CASTRO, 2011) critica as abordagens tradicionais da sociologia que produziram um social-substância inatingível, no qual os humanos se organizam e têm suas condutas determinadas por esta matéria. Os fenômenos e as questões são chamados de sociais e efeitos da influência desta substância.

O que costuma ser chamado de explicação social se tornou uma forma de interromper o movimento de associações em vez de retomá-lo. Assim, o mundo social precisa de renovação, de movimentos para que possa continuar. Logo, o social não é uma coisa, uma localidade ou um tipo de matéria, e sim um movimento temporário de associações novas (LATOURE, 2012).

Desta maneira, Latour (2012) relata que, para os sociólogos tradicionais, parece mais fácil estabelecer um grupo do que mapear as controvérsias em torno da formação dos grupos. No entanto, continua o autor, as formações de grupos deixam mais traços do que as conexões já estabelecidas, que “deveriam” ficar mudas e invisíveis. O autor (LATOURE, 2012, p. 54) indica que:

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



A solução seria substituir a lista de agrupamentos compostos de agregados sociais – tarefa impossível – pela de elementos sempre presentes em controvérsias a respeito de grupo – tarefa bem mais simples. Essa segunda lista é sem dúvida mais abstrata, ao mesmo tempo, porém, gera muito mais dados, porque toda vez que um novo agrupamento é mencionado, o mecanismo de fabricação responsável por mantê-lo vivo se torna visível e, portanto, passível de ser rastreado.

Os grupos não são silenciosos, mas o resultado de um rumor constante feito por milhões de vozes que se contradizem sobre o que é o grupo e quem pertence a ele (LATOURET, 2012). Neste artigo, será acompanhada a formação de alguns grupos religiosos que incluem a população LGBT no Brasil.

3. Vozes dissonantes no setor religioso

“Meu sobrinho é gay e é um rapaz maravilhoso. Ótimo filho, muito educado, muito honesto e estudioso. Já o meu filho é machão e vive batendo na esposa, não respeita ninguém, não para no emprego”.

Outro participante da Marcha para Jesus adverte:

"Cuidado, tia. Se o pastor escuta a senhora falando uma coisa dessas, ele não deixa mais a senhora entrar na igreja". E a senhora respondeu: "Igreja é o que não falta por aí. Se me impedirem de ir em uma, vou em outra. Não tem problema."
(GALHARDO, 2011).

Esta fala, recolhida durante a Marcha para Jesus realizada pelo movimento evangélico em São Paulo, nos serve como pista de que o setor religioso não é homogêneo no que se refere ao “combate” da homossexualidade. Alguns líderes, em certos momentos, têm posições mais tolerantes e em outros tem respostas mais ofensivas.

O bispo Edir Macedo (2010, 2011), líder de uma das principais igrejas evangélicas do país, a Igreja Universal do Reino de Deus, oscila entre declarações que incentivam o respeito aos homossexuais e críticas a algumas demandas do movimento LGBT:

[...] Mas o que me deixa perplexo é o grau de insensatez entre aqueles que usam textos bíblicos para condenar os homossexuais. Será que a Bíblia coroa juízes? Será que por sermos discípulos de Jesus somos automaticamente elevados à condição de perfeitos a ponto de julgar e condenar os homossexuais, por exemplo? [...]

A pessoa preconceituosa tende a partir do princípio de que ela própria é o modelo ideal de ser humano, condenando a exclusão social todos os que aparentemente se diferem dela. [...]

A mesma Bíblia que condena o homossexualismo, condena qualquer outro tipo de pecado, mas o Senhor Jesus acolhe a todos, sem distinção. Se formos condenar os homossexuais, então teremos de condenar a nós mesmos. Pois, quem está livre de pecados? Qual a diferença entre pecadinho ou pecadão? Deus não faz esta distinção. (MACEDO, 2010).

Meus filhos não vão virar gays! É meu, SOMENTE MEU, o direito de não desejar um filho gay! A Constituição me garante isto. Temos o direito de almejar para os nossos filhos o que entendemos como o melhor para o futuro deles. E, sob a luz da nossa fé, o caminho da felicidade passa pela construção de uma família com marido e esposa, isto é: homem e mulher (id, 2011, grifo do autor)

Apesar de a maioria das igrejas cristãs tradicionais não aceitar manifestações explícitas da homossexualidade, além de repreender e expulsar os gays, há algumas igrejas e grupos religiosos que aceitam a homossexualidade. Uma delas é a Igreja Cristã Contemporânea, que espalhou 30 outdoors na cidade do Rio de Janeiro com a frase “Homossexualidade: a Bíblia não condena” conforme ilustrado na Figura 1 (IGREJAS..., 2012):



Figura 1: Outdoor da Igreja Cristã Contemporânea

Em seu site oficial⁴ é dito que o objetivo é levar o amor de Deus a todos, sem preconceitos, e não criar uma igreja exclusivamente para gays. Estima-se cerca de 40 igrejas cristãs no Brasil com proposta inclusiva para a população LGBT, segundo reportagem do site do Yahoo (IGREJAS..., 2012).

⁴ <http://www.igrejacontemporanea.com.br>



Outro exemplo de igreja que respeita a população LGBT, a Igreja da Comunidade Metropolitana, conta com uma transexual como líder religiosa, Alexya Lucas. Atualmente, ela estuda teologia e pretende se tornar a primeira reverenda transexual do Brasil: “Eu percebi que eu podia ter uma igreja onde podia ser eu mesma. [...] Me alegro por que posso dizer ‘venham, aqui tem uma casa para vocês” (IGREJAS..., 2012). Outro participante da Igreja da Comunidade Metropolitana afirmou:

Já fui em outras igrejas e não fui muito bem recebido porque as pessoas querem mudar você e eu não quero ser mudado porque eu não faço nada, eu só trabalho e pago conta, trabalho e pago conta, o que mais o Brasil quer? Eu acho que é isso que o Brasil quer, pessoas que trabalhem, paguem contas, sejam ativas, ou passivas (risos). Mas a gente entende que ser ativo é ser ativo mesmo de você fazer parte desse país (IGREJAS..., 2012).

Alexya (IGREJAS..., 2012) conclui que "As igrejas cristãs vão ter de se abrir para a homossexualidade, para a transexualidade. Eu sei que eu não vou ver isso, mas estou fazendo parte deste processo".

O parlamentar Jean Wyllys (2012), em uma entrevista no programa de televisão “Agora é tarde”, ressaltou a importância de ser dado o direito ao homossexual de poder praticar uma religião, inclusive cristã:

Uma das primeiras violências infligidas contra os homossexuais é tirar o direito da espiritualidade, dele ter uma espiritualidade, entendeu? E uma espiritualidade cristã. Então esse direito é negado ainda que hoje existam muitas igrejas inclusivas, o que a gente chama de igrejas inclusivas e haja dentro da própria igreja católica uma comunidade chamada Diversidade Católica, não é uma pastoral ainda, não é reconhecida como uma pastoral, é um grupo dentro da igreja que tenta tratar das questões da homossexualidade.

Em seu site, o grupo Diversidade Católica diz ser formado por leigos católicos que compreendem ser possível viver duas identidades aparentemente antagônicas: ser católico e ser gay, em uma ampla acepção deste termo, incluindo toda diversidade sexual LGBT (DIVERSIDADE, 2013).

O grupo objetiva fornecer subsídios teológicos que ajudem a conciliar estas identidades. Também busca funcionar como comunidade virtual aglutinadora,

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



proporcionando visibilidade a iniciativas semelhantes (DIVERSIDADE, 2013). No site, é dito que “Sabemos que a proposta do cristianismo é 100% inclusiva – em todos os sentidos possíveis – e jamais excludente. O próprio termo “católico” quer dizer universal (Ibid)”.

O teólogo e historiador Márcio Retamero (2009), pastor da Comunidade Betel do Rio de Janeiro, contrapõe que a Igreja Católica esqueceu seu passado de opressão e, de perseguida, passou a ser perseguidora. Durante a reforma protestante, eles foram marginalizados, sendo alvo de preconceito. Além disso, foram punidos com morte nas fogueiras da Inquisição.

O pastor (RETAMERO, 2009) pontua que, no Brasil, os protestantes lutaram contra sua marginalização; em muitos lugares foram surrados, amarrados em árvores e torturados. Logo, é necessário lembrar esse passado de luta contra o preconceito para que possam se posicionar a favor dos excluídos atualmente.

Retamero (2009) ressalta que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) manifestou publicamente que os homossexuais podem entrar no sacerdócio desde que obedeçam ao celibato, assim como os heterossexuais. Esta postura contraria o documento que veio de Roma, que serve como diretriz regulamentar para os candidatos ao sacerdócio o qual proibia a aceitação nos seminários de “pessoas com tendências homossexuais profundamente arraigadas”. Desta forma, a CNBB não segue as ordens oriundas do Vaticano.

O pastor (RETAMERO, 2009) lista as iniciativas de inclusão LGBT no setor religioso no Brasil:

Estamos vivendo o início de uma era muito diferente da que passou. Iniciativas progressistas e inclusivas estão cada vez mais presentes nas agendas de algumas Igrejas, principalmente das Igrejas Históricas. Por exemplo, no Rio de Janeiro, além da Comunidade Betel, temos o Diversidade Católica, grupo de gays e lésbicas católicos que militam pela inclusão LGBT na Igreja Romana. Em São Paulo, na Paróquia São Luiz Gonzaga, administrada pelos Jesuítas, a missa dominical noturna tem uma grande frequência LGBT; na mesma cidade existe a Igreja da Comunidade Metropolitana, presente em outras cidades do Brasil, denominação que há 40 anos luta pela inclusão LGBT, e a CCNE, de linha pentecostal, também presente em outras cidades brasileiras. A Igreja Episcopal Anglicana do



Brasil (IEAB) também se identifica como uma igreja inclusiva e, embora não pratiquem uma inclusão radical, como os independentes, possui entre seus eclesianos pessoas homossexuais que não sofrem preconceitos nem exclusões. Outras Igrejas Anglicanas, chamadas de “Igrejas Continuantes” e que são independentes da IEAB, também são inclusivas como a Igreja Anglicana do Brasil (IAB). Em São Paulo, os Adventistas homossexuais já se organizam como uma organização “para-eclesiástica”, e na internet é forte o grupo das Testemunhas de Jeová Gays, bem como o grupo dos Mórmons. Já temos no Brasil um grupo de Judeus e Judias Gays, atuantes no cenário social. O que quero dizer com essas citações? Que a religião pode se fazer mais presente na vida dos homossexuais se abrindo ao debate reflexivo sobre a diversidade da sexualidade humana, abraçando os LGBTs em suas comunidades locais.

Durante a discussão do primeiro projeto de lei que tentou garantir direitos conjugais a casais do mesmo sexo no Brasil, nº 1.151/95 (BRASÍLIA, 1995), o Padre José Antonio Trasferetti (1998 apud MELLO, 1999), demonstrou apoio à legalização da união civil entre casais do mesmo sexo:

Entendo que o projeto da deputada [Projeto de Lei nº 1.151/95] pode ser útil na medida em que procura disciplinar um comportamento presente na sociedade e já em grande parte incorporado à nossa cultura e ao nosso modo de viver, quer queiramos ou não.

4. Considerações finais

Podemos perceber que o setor religioso não é homogêneo na oposição aos direitos LGBT, observa-se o início de um movimento minoritário dentro deste grupo que ainda não obteve grande visibilidade.

Contudo, é evidente que, muitos opositores da efetivação dos direitos LGBT na política representativa brasileira são líderes religiosos em sua maioria evangélicos.

Por um lado, houve alguns avanços nos direitos LGBT como a aprovação da união estável entre casais do mesmo sexo em 2011. Por outro lado, tem-se observado no Brasil o avanço de um conservadorismo cujos porta-vozes são líderes religiosos que têm obtido ascensão política, inclusive conseguindo ocupar a



presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados em 2013.

O pastor Marco Feliciano (PSC-SP), conhecido por emitir opiniões preconceituosas sobre negros e gays, passou a ocupar um cargo importante que o permitiu impedir a tramitação de propostas de avanços dos direitos sexuais e reprodutivos.

A ascensão deste conservadorismo político apresenta uma ameaça de retrocesso dos poucos direitos sexuais e reprodutivos anteriormente adquiridos como o direito à união estável por casais do mesmo sexo.

Entretanto, podemos observar que outra realidade é possível e é construída cotidianamente como ilustra Almeida (2006, p. 23):

As sociedades mudam – e com elas os significados culturais –, mas não mudam tão depressa quanto os subalternizados desejam. As sociedades reproduzem-se e perpetuam-se – e com elas os significados culturais – mas não se repetem simplesmente, como os beneficiários das hegemonias desejariam. E neste jogo entre mudança e continuidade relativas, os materiais simbólicos vão sendo re-trabalhados.

Finalizamos retomando uma consideração de Bruno Latour (2012, p. 101): “nenhuma coalização é suficientemente sólida para não ser engolfada por outra ainda maior”. Desta maneira, é necessária uma mobilização incessante por parte dos atores favoráveis aos direitos LGBT para que não percam os direitos adquiridos e possam conquistar mais direitos no futuro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. V. O casamento entre pessoas do mesmo sexo. Sobre “gentes remotas e estranhas” numa “sociedade decente”. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 76, 2006.

BRASÍLIA. **Diário da Câmara dos Deputados**. 21 nov. 1995.



CASTRO, R. B. **Dispositivos de Segurança**: Performações de governo articuladas às câmeras de vigilância. Projeto de qualificação de Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Rio de Janeiro, 2011.

DIVERSIDADE CATÓLICA. Disponível em: <<http://www.diversidadecatolica.com.br>>. Acesso em: 19 jan. 2013.

GALHARDO, R. Marcha para Jesus vira ato contra união homoafetiva. **Último Segundo**, 23 jun. 2011. Disponível em:

<<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/marcha+para+jesus+vira+ato+contra+uniao+homoafetiva/n1597044443203.html>>. Acesso em: 24 set. 2011.

IGREJAS para gays se proliferam no Brasil. **Yahoo notícias**, 25 dez. 2012. Disponível em: <<http://br.noticias.yahoo.com/igrejas-gays-proliferam-brasil-181025901.html>>. Acesso em: 19 jan. 2013.

LATOUR, B. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria Ator-Rede. São Paulo: Edusc, 2012.

LAW, J. **After method**: mess in social science research. Oxon: Routledge, 2004.

MACEDO, E. Homossexualismo. **Blog do Bispo Edir Macedo**. 6 fev. 2010.

Disponível em: <<http://www.bispomacedo.com.br/2010/02/06/homossexualismo/>>. Acesso em: 13 jan. 2013.

_____. Nossos filhos não vão virar gays! Blog do Bispo Edir Macedo. 15 maio 2011. Disponível em: <<http://www.bispomacedo.com.br/2011/05/15/nossos-filhos-nao-vaovirar-gays/>>. Acesso em: 13 jan. 2011.

MELLO, L. **Família no Brasil dos anos 90** - um estudo sobre a construção social da conjugalidade homossexual. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de Brasília, 1999.



RETAMERO, M. Colunas Religião. **A Capa** – site e revista. 05 maio 2009. Disponível em: <<http://acapa.virgula.uol.com.br/colunas/homossexualidade-e-bencao-de-deus-diz-pastor-que-estreia-coluna-no-a-capa/10/70/8039>>. Acesso em 19 fev. 2013.

WYLLYS, J. Entrevista no programa Agora é tarde, Bandeirantes, 08 jun. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PmKWMxTfxts>>. Acesso em: 07 mar. 2013.